

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Referências

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GARRETT, Almeida. **Romanceiro**. Lisboa: Estampa, 1883, v. I.

ENCICLOPÉDIA CATÓLICA POPULAR. São Paulo: Paulinas, 2004.

FERREIRA, Rosário do M^a. Outros mundos, outras fronteiras: Ramiro, Tristão e a divisão de Terra de Espanha. In: Actas das IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval – As relações de Fronteira no Século de Alcañices. **Revista da Faculdade de Letras – História**, II série, Vol. XV, t.2, Porto, p. 1567-1579, 1998.

MIRANDA, Carlos José. A Lenda de Gaia dos Livros de Linhagens: Uma questão de literatura?. **Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas**. N.5, Porto, p.483-516, 1988.



CELESTINA E O CONTEXTO HISTÓRICO NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

DAMASCENO, André B.
SILVA, Odalice de C. (Orientadora)

Resumo

Este trabalho pretende demonstrar como, no final do século XV, Fernando de Rojas, através da obra *La Celestina*, denunciava a opressão e os contra testemunhos de alguns cristãos. Por meio de investigação analítico-interpretativa, nossa pesquisa bibliográfica atinge somente três aspectos da obra na personagem Celestina, a saber: o histórico/social, religioso e cultural; a perspectiva literária dos diversos papéis representativos da personagem na narrativa, como a alcoviteira, a bruxa e a pessoa ambiciosa.

Palavras-chave: Literatura, Sociedade, Religião, Denúncia, Personagem.

Introdução

A obra *La Celestina* encanta seus leitores por sua narração simples e envolvente, também pelo seu misticismo e uma ansiedade que Fernando de Rojas desperta em nós leitores, em relação aos personagens de natureza complexa. Nesse trabalho, não nos deteremos em questões de gênero, visto que há uma grande discussão em classificar a obra em questão, nos diversos gêneros que a mesma, em sua feitura e estilo, poderia sugerir a um estudo imanente, como também, sobre a discussão de seus pretensos autores. Aqui trataremos somente de estudiosos, que não questionam a autoria de Fernando de Rojas; como Villanueva (1993), Gilman (1978), Parrilla (1999), Juan (2005) e etc...

Utilizaremos o estudo de Villanueva (1993) que retrata o autor Fernando de Rojas na perspectiva da personagem Celestina, como alcoviteira, a qual representa a sociedade da época do autor, sendo o veículo primordial para suas denúncias. Para Villanueva (1993), Celestina representa toda uma sociedade interesseira, sem escrúpulos, capaz de toda atrocidade e das mais vis jogatinas para obter dinheiro e lucro, tendo como pano de fundo seu bom relacionamento entre ricos e pobres e uma convivência legitimada pelos clérigos e autoridades da época.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Nessa mesma linha de pesquisa, Gilman (1978) tratara da obra *La Celestina* voltada para um certo reflexo de seu autor, nos aspectos sociais e históricos, não do ponto de vista de seu engajamento social ou como um combatente da realidade social e econômica que se apresentava, mas sim, com uma maturidade literária explícita em sua obra, ou seja, essa obra como representativa de uma maturidade denunciada e vivida em sua realidade social.

Para Juan (2005), *La Celestina* representa um Rojas que sofria as repressões da sociedade da época inquisitorial e de toda forma de repressão e castigos, pelo fato de ser representante de uma família de cristãos convertidos. Segundo Juan (2005), as personagens em *La Celestina* representam a situação histórico/social vivida pelas pessoas da época, já que se apresentavam como personagens de classe econômica baixa. As figuras pertencentes ao nível mais baixo da sociedade são marginalizadas, não só por seus status sociais, como em suas participações na trama, é o que observaremos no decorrer de nossa pesquisa, pois, teremos na personagem Celestina, quase que os mesmos direcionamentos de teóricos citados em nosso trabalho. Segundo D. Ynduráin (1991), na literatura espanhola, a obra *La Celestina* é pioneira na apresentação de personagens de baixa condição social. Também a referida obra terá seus personagens como protótipos para outras obras que se seguirão até nossos dias. De modo especial, Celestina será uma personagem copiada por muitos autores, no que diz respeito a seu ofício de alcoviteira, traços já bem marcados pelo autor do livro *El Libro de Bueno Amor* de Arcepriste de Hita, que traz uma amostra do alcovitaria da famosa 'trotaconventos'.

Os aspectos místicos desta pesquisa não representam opção por religião segundo Carmen Parrilla (1999) e Juan (2005). Para os críticos, há duas formas de vislumbrarmos a bruxaria na obra *La Celestina* e nós apresentaremos, segundo Parrilla (1999) como Celestina se utiliza da magia e da psicologia humana para juntar Calixto e Melibea, se aproveitando de ambos. Mostraremos como o amor e a luxúria engendrados por Rojas nessa obra perpassam a sexualidade, sendo considerada por Juan (2005) como o universo de toda obra, seguido pelo poder e o dinheiro. Nossos leitores poderão ver claramente com essa abordagem a mudança na economia da sociedade em questão, como também o surgimento da burguesia e de outros aspectos sociais e culturais, como o Renascimento nas artes e a passagem da Idade Média para a modernidade, todos esses aspectos se faram à luz no decorrer de nossa apresentação.

Metodologia

A presente pesquisa examina o conteúdo apresentado pelos seguintes autores: Juan (2005) em seu trabalho comemorativo do V centenário da obra *La Celestina*, conhecido como *Prólogo*, numa explanação social/histórico em que apresenta a obra *La Celestina* como projeção viva do

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

autor Fernando de Rojas “La prehistoria de La Celestina no es comprensible sin la del propio Fernando de Rojas: el desplome de la cúpula familiar, el celo purificador del Santo Oficio y la atmosfera de descontento, agravio y nihilismo de las aljamas peninsulares.” (JUAN, 2005, p.9). Nesse estudo, aprofundamos os aspectos sociais, políticos e econômicos da época, assim como, aspectos biográficos, pelo fato de Juan (2005) apresentar a vida do autor com riquíssimos detalhes, e uma imagem desse período de transição, tanto na literatura e nas artes, quanto na economia e no aspecto social, que são os que nos interessaram na construção de nossa pesquisa.

Puértolas (1979) em seu trabalho publicado pela Universidade da Califórnia, Los Angeles, nos ajuda a criar uma perspectiva crítica, para que possamos ler do trabalho de Juan (2008) somente o necessário, para não tornar a obra *La Celestina* apenas numa extensão da vida de Rojas, mas uma brilhante obra literária, inesgotável em interpretações e estudos. “Gilman plantea aquí la importancia fundamental de la historia ambiental para comprender a Rojas y a su obra, la importancia de que el bachiller sea un converso [...] [...] repaso de la documentación [...] [...] y las vicisitudes de la familia [...]” (PUÉRTOLAS, 1979, p.13). Puértolas (1979) apresenta o livro do professor Stephen Gilman, *La España de Fernando de Rojas* (1978) nos proporcionando uma rica fonte de pesquisa para este trabalho.

Do trabalho da pesquisadora Teresa Cecília de Oliveira Ramos (2005), da USP, intitulado *Alguns aspectos da religiosidade em La Celestina, de Fernando de Rojas*, fomentamos nossa discussão, já que é impossível abordar algum trabalho dentro dessa obra *La Celestina*, sem salientar esse aspecto salutar ao tema do livro em questão, não esquecendo as raízes culturais do autor Rojas que segundo Juan (2008) e Puértolas (1979) apresenta essa forte ligação entre o autor e a obra. “[...] o real sentido dos atos implicados se faz ainda maior pela citação de alguns preceitos religiosos judaico-cristãos [...]” (RAMOS, 2005, p.2). Como nossa pesquisa bibliográfica está direcionada, mais para a perspectiva literária da personagem Celestina como de alcoviteira, bruxa, e pessoa ambiciosa, na temática específica de nosso trabalho, os teóricos escolhidos para pesquisa com seus trabalhos, já seriam suficientes, mas não podemos deixar de mostrar o desenlace amoroso e a luxúria salientados por Rojas e isso será pesquisado no trabalho da professora Carmen Parrilla (1999) em artigo intitulado *Moralejas para todos los paladares*, publicado na revista *La aventura de Historia*.

Resultados e discussão

A história de amor trágico entre Melibea e Calisto deu-se em um lapso de tempo muito curto e os encontros amorosos, em consequência, também o foram. O livro *La Celestina* narra os

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

encontros noturnos e furtivos entre Calisto e Melibea que, auxiliados por uma terceira pessoa, Celestina, logram êxito, porém acabam em morte. “Privada del ‘delicioso yerro de amor’ del que gozara casi un mes, Melibea concibe su suicidio como un ‘alivio’ y ‘descanso’, como un agradable fin,[...]” (JUAN, 2005, p. 11). Para Gilman (1978), entre outros assuntos, ele percebe nessa dificuldade do relacionamento entre Calisto e Melibea, muitos empecilhos, como o problema da linhagem e da fidalguia de Calisto, “y del conocido problema de que parece existir algo que impide una relación amorosa normal entre Melibea y Calisto” (GILMAN, 1978, p. 197). Esse algo que impede o amor entre os dois pode ser a situação de cristão convertido que Calisto vivia. Ou seja, para Juan (2005) o cisma e a força subversiva que Fernando de Rojas utiliza, tanto na construção social, como artística em sua obra, a tornam efetivamente importante em sua modernidade. Os cinco séculos que comemoram a obra, retratam com lucidez e precisão inquietantes o caos do milênio em que vivemos. Sabe-se que Calisto encontra-se com Melibea pela primeira vez em um jardim e dela se enamora e, por encontrar dificuldades em concretizar seu relacionamento, busca ajuda de terceiros. Para Villanueva (1993), o uso de terceiros era um produto originário de civilizações orientais e, mas concretamente arábicas. “como veremos luego, su admirable creación de la figura de Celestina no habría sido posible sin la tradición árabe, bien arraigada en España, de la alcahueta trotaconventos.” (JUAN, 2005, p. 11).

A figura de Celestina, segundo Villanueva (1993), uma velha cheia de astúcia, persuasiva, serviçal e formada nas artes da sedução, promotora de relações sexuais ilícitas, não é a figura representativa da velha corrupta, nem feiticeira da tradição clássica, muito menos das prostitutas cristãs, nem das honradas casamenteiras da cultura judaica, mas é sim, uma confluência na obra de Rojas, como Judeu convertido, que utiliza um pouco da mentalidade judaica, como também da cultural oriental, uma vez que, segundo Cristóbal Cuevas, Villanueva era um teórico eclético, daí a razão de pensar que Rojas, o autor de *La Celestina*, mesclou várias realidades que faziam parte de seu imaginário, em relação à alcovitaria, e criou a personagem Celestina com um pouco de cada realidade que se lhe apresentava. É tão real essa constatação de Villanueva (1993) que ele menciona em sua obra uma espécie de regressão da história literária e apresenta, como um modelo de alcoviteira, a trotaconventos de Arcepriste de Hita.

Mas, a figura de Celestina não representa somente isso que falamos segundo Villanueva. Para Juan (2005) Fernando de Rojas era um jovem que pertencia a um grupo de convertidos e havia perdido a fé de seus antepassados, nesse sentido vivia a mais cruel realidade que a sociedade cristã perseguidora e arbitrária da época impunha sobre os da mesma condição. Segundo Juan (2005), os convertidos enfrentavam uma perseguição muito forte em relação às suas ideologias e a sua

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

religião. Muitas vezes tinham que negar sua fé e sua cultura para sobreviverem em uma sociedade que tentava a todo custo manter a tradição e os costumes cristãos, numa luta com a realidade social em transformação, um novo tipo de economia, que podemos muito bem vislumbrar nos personagens da obra, como Pármeno e Sempronio, quando procuram ajudar a Calisto em troca de dinheiro e, por dinheiro, mata Celestina.

Los jóvenes judeo-conversos de la generación de Fernando de Rojas les cupo vivir la experiencia cruel de una sociedad despiadada e inicua, en la que los presuntos valores oficiales de la defensa de la fe mostraban, como la otra cara de la moneda, cárceles, torturas, confiscaciones, autos de fe, sambenitos y padrones de ignominia trocados. (JUAN, 2008, p. 10).

Porém, Rojas, possuidor de um gênio literário maravilhoso, como podemos observar, respondeu a esta sociedade com uma obra que como nos fala Juan (2005), sacudiu os muros da sociedade e da linguagem até derrubá-los e edificar, com as ruínas, sua tragicomédia. Dessa forma, temos Celestina como uma resposta denunciadora de tudo que Rojas abominava em sua época. Essa afirmativa é tão verdade, que Juan (2008) considera como únicas leis regentes da narração da obra, *La Celestina*, a soberania do gozo sexual e o poder do dinheiro.

Mas, para Parrilla (1999), a pedra de toque das especulações é a sedução de Melibea vista por muitos como um feitiço e, por outros, como resultado da capacidade que Celestina tem de manipular as pessoas em busca de interesses próprios, como dinheiro. Aqui entra a arte literária de Rojas, quando põe em Celestina, poderes sobrenaturais que levam as pessoas a considerá-la uma bruxa. Para Parrilla (1999), essa capacidade que atribuímos a bruxaria, em Celestina, seria um grande conhecimento por sua experiência de vida, da psicologia humana, ou seja, ela conhecia as necessidades, os problemas, as carências afetivas como podem ver na leitura da obra.

Há uma passagem na obra, em que Celestina invoca os poderes das trevas, chama pelo demônio e nesse ritual, põe o nome de Melibea e Calisto como se o ritual estivesse sendo feito para unir os dois. Para Cuevas (1995), a investigação de Villanueva (1993) buscou o 'Canon de medicina' de Avicena (h. 1030), o qual aconselhava ao homem que sofria de mal de amor procurar uma alcoviteira que possuía poderes mágicos, no caso uma alcoviteira esperta. Esse aspecto de feitiçarias e bruxarias era característico do século XV e nesse período teve grande repercussão, como nos diz Parrilla (1999). Tais práticas eram pregadas desde a antiguidade na pessoa de uma alcoviteira, com dotes de bruxa ou feiticeira. Todo esse material investigado teve base nas crenças e práticas mágicas da época, nas legislações e documentações de processos inquisitoriais e na própria literatura em torno da repressão de bruxos e feiticeiros.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Celestina, como pessoa ambiciosa, é a característica mais cristalina na obra de Rojas, uma alcoviteira que apreende uma quantidade de profissões bem desempenhadas no decorrer da leitura do livro. Podemos ter Celestina como aliciadora de jovens para desfrutes sexuais e promotora de prostíbulo, como uma cirurgiã que recompõe a virgindade das moças, favores que eram inclusive prestados aos padres e religiosos da época. Uma leitura da obra nos levava para as seis funções da alcoviteira e tudo isso é denunciado por Rojas, pois Celestina, apesar de representar toda essa contaminação pecaminosa que a igreja abominava, era entre eles, os padres e religiosos, bem acolhida, respeitada e celebrada.

Nos parágrafos acima mencionamos a posição de Juan (2005) que vê na narração celestinesco muito da libido e do poder exercido pelo dinheiro, fatos incontestáveis. Porém, Parrilla (1999) discorre sobre o tema narrativo voltado mais para o amor e a luxúria. É evidente que não deixa de fazer sentido sua investigação, uma vez que aborda a relação de Calisto e Melibea como desequilíbrio psicológico, obra voltada para o ensino de conceitos morais de vícios e de virtudes.

Conclusão

Com o objetivo de apresentar a personagem Celestina e o contexto histórico na obra de Fernando de Rojas, concluímos nossa investigação, a partir do estudo dos diversos teóricos sobre *La Celestina*. Mostramos a realidade social presente na virada do século XV para o século XVI, misto de efervescência em todas as facções da sociedade. Com a personagem Celestina, mostramos o que Puértolas (1979) investigou, na obra de Stephen Gilman (1978), como novos modos burgueses de produção, relação entre trabalhador e produtor e todos os aspectos iniciais que a burguesia e por consequência o capitalismo trariam no decorrer dos séculos. “Resulta evidente que conversos y no conversos en la Castilla de Fernando de Rojas – y de después – eran víctimas del nuevo orden de cosas impuesto por la aparición y desarrollo creciente de la burguesía”. (PUÉRTOLAS, 1979, p. 202).

Também, a temática amorosa e todo o enredo que proporcionam à obra um movimento narrativo, distinto da estética da época, em formato que não se adequa ao gênero esperado são característica, segundo Juan (2005), que Américo Castro, Maria Rosa Lida, Stephen Gilman e outros estudiosos de *La Celestina* têm discutido ao investigar o bacharel de ‘la Puebla’ como pano de fundo de sua obra.

Os atos de Celestina, suas ações, bem refletem o desejo de Rojas de denunciar, apesar de sua primeira atitude anônima em 1499, o que Juan (2008) bem revela para nós.

La arremetida iconoclasta a la Iglesia y al geanologismo militante de los paladines de la limpieza de sangre se acompaña en la Celestina de una crítica demoledora por

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

las prostitutas y sirvientes al egoísmo, rapacidad e ingratitud de los señores de aquel tempo. (JUAN, 2008, p. 18).

Portanto, desejosos de contribuir para o crescimento e a evolução dos trabalhos científicos, lançamos este início de pesquisa no intuito de multiplicar informações e gerar mais conhecimentos dentro de nosso tema. Dessa maneira, concluímos nossa investigação apresentando o aspecto místico de Celestina explorado por Rojas na alcoviteira bruxa e feiticeira. Nos dois temas defendidos por Parrilla (1999) amor e magia, o segundo encontra, na crítica romântica, grande abertura pelo fato de abordar o sobrenatural e o demoníaco e, no decorrer dos séculos, se contrapõe em duas posturas, a ornamental, não determinante da ação dramática e a de tema integral e inescusável.

Referências

GILMAN, Stephen. La España de Fernando de Rojas. Madrid: Taurus, 1978.

GOYTISOLO, Juan. **Fernando de Rojas Teo Puebla**. Disponible en <sergiomansilla.com/revista/aula/lecturas/imagen/prologojuan.pdf>. Acceso en 10 de julio de 2011.

PARRILLA, Carmen. Moralejas para todos los paladares. **La Aventura de Historia**. Madrid. nº 12. Octubre, p.64-67, 1999.

PUÉRTOLAS, Julio R. Comptes Rendus. **Bulletin Hispanique**. Universidad de California, Los Angeles. 1979.

RAMOS, Teresa Cecilia de O. **Alguns aspectos da religiosidade em La Celestina, de Fernando de Rojas**. Universidade de São Paulo.

ROJAS, Fernando. **La Celestina**. España: Edelsa, 1996.

VILLANUEVA, Francisco M. **Orígenes y sociología del tema celestinesco**. 1993.



NA FLORESTA DOS SIGNOS: ASPECTOS ESTRUTURAIS DE “A DAMA PÉ-DE-CABRA”

DEZIDÉRIO, Felipe H. da S.
SIQUEIRA, Ana Márcia A.

Resumo: Em breves linhas, este trabalho se ocupa em investigar os recursos narrativos empregados por Herculano para dar forma ao enredo do conto “A Dama Pé-de-cabra”. O conto resiste às tentativas fechadas de enquadramento teórico, apresentando uma estrutura destoante dos contos de ação em geral, visto que é inspirado em uma narrativa medieval.

Palavras-chave: Narrativa. Forma. Enredo.

Introdução